



III.A.41-01293

Ministério – histórico do projeto: "1935 – Concurso público. O resultado..."

1935 – Concurso público. O resultado "anti-arquitetônico" levou o ministro Capanema a conferir os prêmios de acordo com a proposta da comissão julgadora sem contudo dar prosseguimento às sugestões.

Aconselhado pelos intelectuais Carlos Drummond, Manuel Bandeira, Mário de Andrade e Rodrigo M.F. de Andrade, o ministro convocou o arquiteto Lucio Costa e confiou-lhe a tarefa de elaborar novo projeto. Propôs esse arquiteto a organização de um grupo constituído por Jorge Moreira e Affonso Eduardo Reidy, que haviam participado da competição, e mais Carlos Azevedo Leão seu colaborador. Posteriormente foram incorporados ao grupo Oscar Niemeyer Soares e Ernani Vasconcellos.

Foi inicialmente elaborado um projeto constituído por um corpo principal, na mesma disposição atual e já com fachada sul envidraçada, e quebra-sol na fachada norte, mas fechado no térreo, articulado a dois corpos laterais mais baixos, sobre pilotis, formando-se assim uma área aberta com espelho d'água, estátua monumental e pórtico de chegada; o auditório ficava destacado, nesse eixo de entrada, além da fachada sul.

O projeto agradou ao ministro e a seus assessores, mas não satisfez aos próprios arquitetos. Insistiram então na vinda de Le Corbusier para consulta e, ao mesmo tempo, esperando sugestões para a nova universidade que se pretendia construir, e fazer conferências.

Foi difícil convencer as autoridades, porquanto já haviam, no ano anterior, recebido a visita, a convite, de Piacentini, o arquiteto de Mussolini.

Depois de entendimentos conduzidos através de Monteiro de Carvalho, que o conhecia, veio finalmente Le Corbusier, permanecendo aqui 3 semanas, durante as quais elaborou anteprojeto para a universidade (prontamente rejeitado pela comissão de professores), proferiu 5 conferências, e apresentou nova sugestão para o edifício do ministério, belo projeto de edifício alongado em terreno da sua escolha à beira mar. No dizer dele (*understatement*): "abri simplesmente as asas do projeto de vocês"

Informado pelo ministro da impossibilidade da troca do terreno, tentou



adaptar a sugestão ao local previamente fixado. Como a boa orientação (sul) correspondesse à dimensão menor do terreno, e não fosse então permitida pelas autoridades da aeronáutica (vizinha do aeroporto) a altura requerida, teve de dispor o bloco no sentido maior de orientação inconveniente (leste-oeste) e numa disposição um tanto contrafeita, que não o satisfiz nem aos outros.

À vista do novo partido proposto, que deliberadamente foi abandonado, não nos foi possível prosseguir com o projeto anterior, já aprovado; teve-se que recomeçar da estaca zero, procurando fazer algo digno da semente lançada pelo mestre.

Confiantes em que, com o correr do tempo, a aeronáutica deveria admitir gabarito mais alto, dispôs-se o bloco principal na orientação devida (norte-sul) recomendando-se ao engenheiro estrutural – Emilio Baumgart – fundações que já levassem em conta o acréscimo necessário (+ 4 andares).

Concluído o projeto, foi remetida a Le Corbusier uma cópia completa das plantas, recebendo-se dele uma carta elogiosa em que se declarava feliz com o resultado.

Pouco depois de iniciada a construção adveio a guerra e não houve mais qualquer contato com ele.

A construção prosseguiu lentamente, administrada pela própria Divisão de Obras do ministério, sem um construtor responsável, apenas supervisionada pelos próprios arquitetos. Importa assinalar que os arquitetos eram todos moços e inexperientes de obras de tamanho vulto e responsabilidade.

Em 1940, Lucio Costa, sentindo que a sua chefia dificultava o bom andamento dos trabalhos, porquanto a atuação de Oscar Niemeyer já se fazia prevalecer, deixou de participar, prosseguindo o andamento das obras até 42 quando o edifício foi inaugurado, com a inscrição no saguão onde se faz jus ao risco original de Le Corbusier.

A estrutura foi calculada de acordo com o partido estabelecido pelo engenheiro Emilio Baumgart. Os jardins internos (?) foram de R. Burle Marx. As instalações ficaram a cargo (do técnico) Carlos Stroebel. Os murais são de Cândido Portinari, a escultura de Celso Antonio originariamente prevista pelos arquitetos, e incorporada por Le Corbusier ao seu risco, devido ao longo tempo em que se conservou em barro, no tamanho natural, desmoronou não sendo retomada,



figurando apenas desse escultor a figura reclinada no terraço, juntamente com outra de Vera Jamacopulus (?). O grupo do jardim de Bruno Giorgi foi colocado posteriormente. A escultura de Lipchitz na empena do auditório é apenas uma fundição do modelo que deveria ser ampliado e foi posto ali indevidamente mas sob a responsabilidade pessoal dos arquitetos porquanto tendo havido mudança de governo e não sendo possível, por questões financeiras e de orientação cultural, dar prosseguimento à encomenda havia o risco dos novos mandatários tomarem alguma iniciativa imprópria, o que a presença do modelo impediu.

O ministro Capanema, apesar da hostilidade dos demais setores da administração, das críticas do público e da imprensa, e do risco político, confiou nos arquitetos e permitiu assim que as idéias de Le Corbusier fossem postas em prática em escala monumental pela primeira vez, e isto enquanto as nações do mundo dividido em dois campos empenhavam-se no mútuo arrasamento, ou no arrasamento dos outros, à devida distância, como se faz agora.